

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	10.º ANNO—VOLUME X—N.º 290	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$130	11 DE JANEIRO 1887	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—\$—	—\$—		
Extrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	—\$—	—\$—		



PALACIO DE MONSERRATE — VISTA INTERIOR DA GALERIA (Segundo uma photographia)

VICENTE JORGE DE CASTRO

I

No dia 12 de dezembro do anno que passou, fomos duramente surprehendidos pela noticia da morte de um amigo estimado, que conhecemos ao darmos os primeiros passos na nossa carreira de artista.

Esse amigo de quasi trinta annos, era Vicente Jorge de Castro que fallecera no dia 10, fallecimento de que só dois dias depois tivemos conhecimento, porque incommodo de saúde nos tinha recolhido por essa occasião.

Nada nos fazia esperar uma tal noticia, a não ser a fatalidade da morte que muitas vezes surge implacavel ante as mais robustas organizações, como que para mostrar bem, e não fazer esquecer, a fragilidade humana.

Vicente de Castro não era um athleta, nem

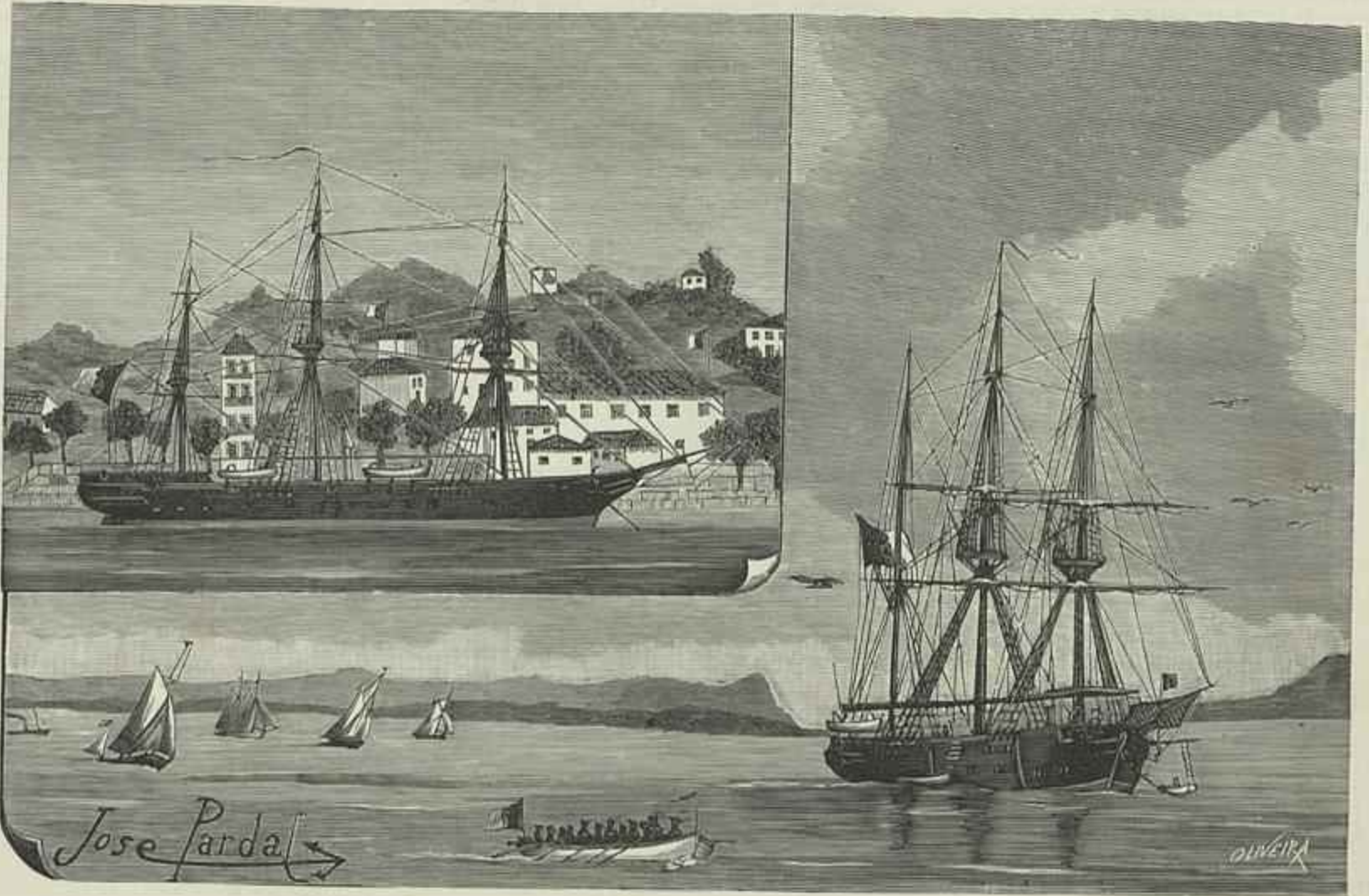
era um novo; mas os seus 65 annos resistiam valentemente, retemperados por uma organização vigorosa e saudavel, onde a doença nunca penetrara com os seus efeitos deleterios, onde um trabalho persistente, incansavel, era a satisfação de uma necessidade physica activada pelo nervosismo, que não deixava desenvolver por sobre os musculos, substancias flacidas e symptomaticamente apoplecticas, onde um viver sobrio, afastado dos gosos que traçoiramente minam a existencia, com a mais requintada hypocrisia de risos e intemperanças, garantia sobejamente uma vida longa e util, empregada entusiasticamente no trabalho, cultivando com progressivos resultados a difficil arte de Gutenberg.

Era a sublime arte da luz e do progresso, a constante preocupação d'aquelle espirito, que não envelhecia para as locobrações do estudo, dos aperfeiçoamentos typographicos, embora o seu physico não pudesse já occultar os efeitos de

desgostos recentes causados pela morte de pessoas queridas de familia, de que a ultima fora sua esposa, uma artista ignorada, de rara habilidade e intelligencia, que reproduzia com uma realidade inexcédível essa grande familia de vegetaes, em primorosos exemplares de cera, que illudiam os mais experientes; e que na exposição de Paris de 1855 mereceu um dos primeiros premios.

Estes desgostos tinham effectivamente marcado profundos sulcos nas faces nervosas de Vicente de Castro, mas a sua querida arte animava-o a proseguir na carreira gloriosa, acompanhado por seu filho Jorge de Castro, um mancebo tão intelligente quanto modesto, que seguirá honrosamente as tradições de seu pae, assim como lhe ouviu os conselhos e aprendeu os segredos da arte.

Não se pense, porém, que todo este entusiasmo que o artista tinha pela sua arte, fosse estimulado por uma necessidade material da vida, porque em fim a necessidade é um estimulo, mesmo para os



MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — AS CORVETAS SAGRES E DUQUE DE PALMEIRA, ESCOLAS DE MARINHEIROS
(Desenho do natural pelo artista amador o sr. José Pardal)

espiritos mais rudos. Não. Vicente de Castro não precisava em absoluto de trabalhar com tanto afan para occorrer ás necessidades da vida, tinha outros meios de que viver sem tanta fadiga. Isto, porém, pôe mais em relevo o seu grande amor pela typographia, e muito de proposito tocámos n'este ponto, para demonstrarmos bem, que todos os seus esforços, toda a sua applicação, todo o desenvolvimento que dera ás suas officinas, eram resultado d'um verdadeiro culto que tinha pela arte de Gutenberg, uma predilecção natural, manifestada desde os primeiros annos, e robustecida com o tempo, que primeiro lhe faltou que elle se cansasse de o passar, nas arduas tarefas do trabalho que pertence progredir e vencer as difficuldades que se offerecem.

Mais adiante historiaremos as inovações que Vicente Jorge de Castro fez na typographia e veremos a apreciação que nacionaes e estrangeiros lhes fizeram.

Vicente Jorge de Castro nasceu em Lisboa a 16 de junho de 1821 e era filho de João Maria Rodrigues de Castro, um respeitavel ancião, que ainda conhecemos, com cerca de 90 annos, tão sympa-

thico como afavel, e que n'aquella avançada idade ainda revia provas com uma agudeza de rapaz.

A tendencia de Vicente de Castro levou-o desde creança para a cultura das artes, e antes de ser typographo, estudou musica no Conservatorio, onde obteve o premio de uma medalha de ouro, pelo magnifico exame que fez de rudimentos de musica, em 25 de agosto de 1845.

Uma pertinaz doença de olhos, que lhe deixou vestigios para toda a vida, o impossibilitou, porém, de continuar no estudo regular, limitando-se a simples amator, e como tal, tocando alguns instrumentos de vento com muita distincção, principalmente trompa, um dos mais difficeis instrumentos de latão.

Vendo-se na impossibilidade de seguir a arte da musica, resolveu dedicar-se á typographia, que a tinha de casa, pois seu pae de sociedade com um padre estabelecera, em 1824, na rua dos Fanqueiros uma pequena imprensa, que era como todas as d'aquelles tempos, e em que Vicente de Castro principiou a sua vida de typographo.

(Continúa)

Caetano Alberto.

LEITE BASTOS

(Continuado do n.º 288)

Foi por esse tempo que Leite Bastos deitou trem.

Esse trem era d'uma originalidade excentrica e deu nas vistas, foi falado.

Era uma especie d'aranha, muito esquisito, tirado a um cavallo que parecia garrano de carroça e que Leite Bastos guiava desastradamente, com uma semcerimonia de philosopho antigo.

Por toda a parte, em todas as festas mais concorridas, entre as equipagens de luxo, apparecia Leite Bastos no seu carro, com sua mulher ao lado, muito contente, muito senhor de si, como se aquella carroça fosse o phaeton mais elegante, o breck mais apparatuso d'um sportman distincto.

E aos solavancos dentro do carro, sempre aos zig-zags pelas ruas, aqui me livro do americano, acolá esbarro n'um passeio, alem me atralhalho entre duas carruagens, elle lá andava, guiando o seu cavallo, *tant bien que mal*, sem se importar com

as risadas trocistas da multidão, paraphraseando o velho proverbio: «ande eu quente, ria se a gente».

Um bello dia o carro desapareceu, e ficou só o cavallo.

Leite Bastos era uma negação completa para a equitação, como o era também para a dança.

Porque houve um periodo na mocidade de Leite Bastos, em que elle se deu a *soirées* e se quiz alistar nas filas dos discipulos de Therspicore.

Como porem Therspicore morava longe, o Leite Bastos contentou se em ser discipulo do Zenoglio um mestre de dança muito conhecido em Lisboa, que já lá vae ha muitos annos, e legou o seu nome a seu filho, que foi um dos alegres companheiros das nossas rapaziadas e hoje é um distincto musico e um excellente pae de familia.

Pois o Leite Bastos aprendeu a valsar.

Lá n'um dos ballicos onde ia, tinha arranjado uma conquista e esperava pelo momento supremo da valsa, para no delirio do turbilhão vertiginoso lhe fazer a declaração d'amor.

O Zenoglio ensinou-lhe a valsa a dois tempos, mas em muitas mais lições do que tempos.

O Leite Bastos devotou se completamente á dança, estudou com afincio, com enthusiasmo.

Muitas vezes em nossa casa



VICENTE JORGE DE CASTRO — FALLECIDO EM 10 DE DEZEMBRO DE 1886
(Segundo uma photographia)

o vimos a ensaiar o passo da valsa.

O dia do baile da declaração aproximava-se.

Elle fez a sua recordação em forma, o seu ensaio geral, e timido como um actor que debuta, preocupado como um candidato que vae para um concurso difficil, foi para o baile.

Chegou o momento decisivo.

O Macario d'essa festa atacou os primeiros compassos da valsa e Leite Bastos atacou ao mesmo tempo a dama dos seus pensamentos.

Enlaçou-a tremulo de commoção e chamando aos bicos dos pés todas as lições do Zenoglio, lançou-se no redemoinho da valsa.

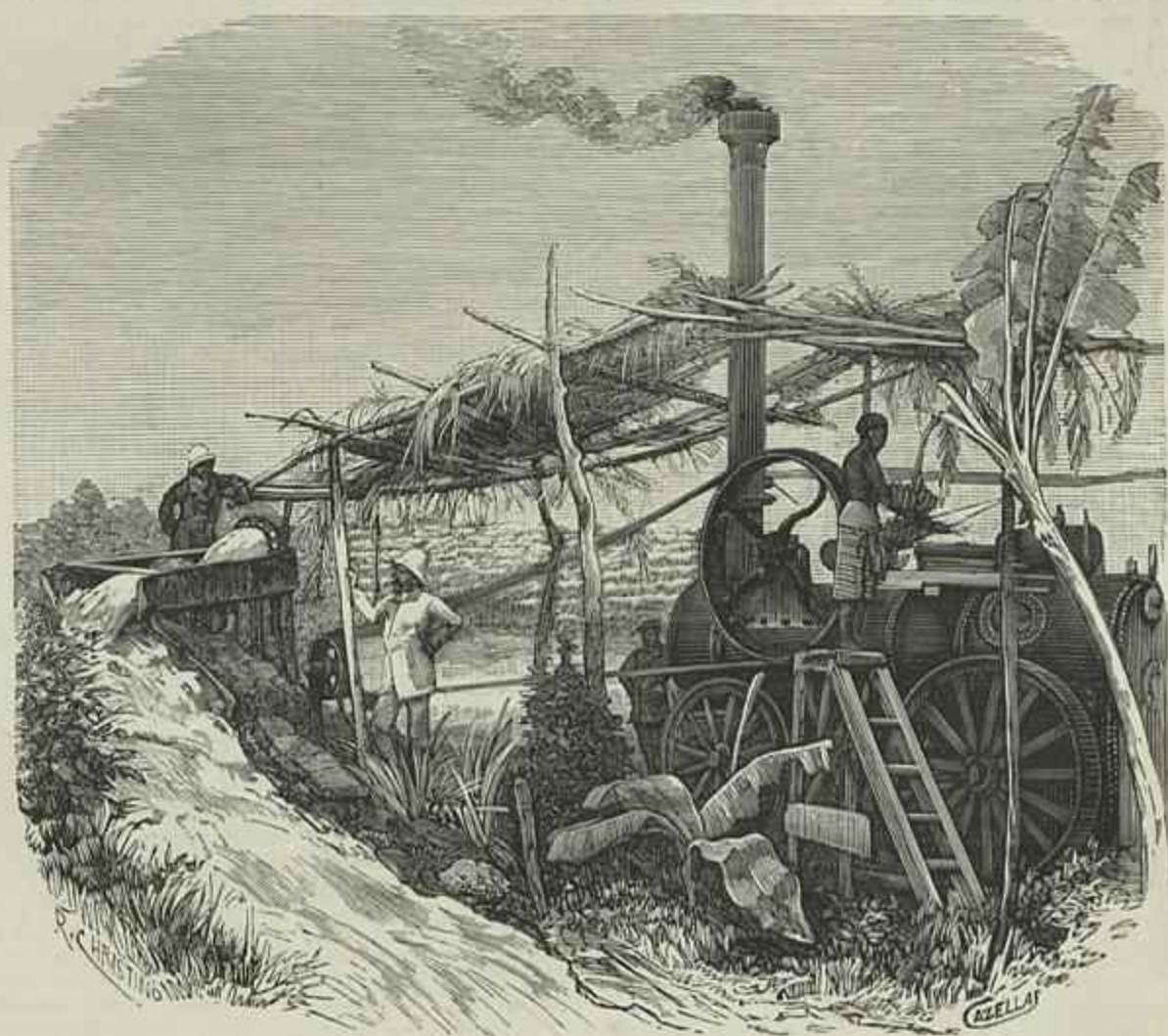
Deu os primeiros gyros e quando os seus labios se entreabriram para a declaração, zús! tropeça e estende-se no meio da casa arrastando na queda a sua dama.

Ella furiosa, despeitada, contusa, levanta-se e vae sentar-se na sua cadeira, sem se dignar dizer uma palavra, lançar um olhar para o desastrado que a fizera passar por aquelle ridiculo; elle corrido, sac pela porta fóra, com a cabeça perdida...

Eram cerca das duas horas da noite mas não se prendeu com isso.

Vae direito a casa do mestre de dança e bate á porta violentamente.

Tudo dormia.



AFRICA PORTUGUEZA — FAZENDA GRATIDÃO, NO DANLE (Segundo uma photographia)

auxilio que presta á arte, como pela homenagem que presta a sua magestade a rainha.

INCENDIO NO ALCAÇAR DE TOLEDO. Um telegramma recebido á ultima hora, diz que lavra grande incendio no alcaçar de Toledo.

FALLECIMENTO. Falleceu no dia 1 do corrente o muito conhecido jornalista Antonio Joaquim de Figueiredo Guimarães, por alcunha o *Pomada Florestal*, que lhe ficou desde que em tempos explorou uma industria de pomada com este titulo. Figueiredo Guimarães era homem de talento, muito industrioso e emprehendedor, mas nada persistente em suas emprezas, de que resultava nunca as levar a bom fim, passando uma vida cheia de peripecias as mais extravagantes, em que as alternativas de opulencia e miseria se succediam como o fluxo e refluxo das marés. Figueiredo Guimarães tinha approximadamente 60 annos, e durante a sua vida fundou muitos jornaes, que enchia com os seus artigos sobre politica e administração, artigos bem escriptos, por muitas vezes violentos, e em que se revelava um argumentador vigoroso. Entre os jornaes que fundou citaremos *A Patria*, folha de grandes dimensões em que collaboraram Rebello da Silva, Mendes Leal, Bulhão Pato, e outros escriptores notavcis; depois fundou o *Diario Commercial*, tambem de grande formato, e outros mais, que tiveram existencia ephemera, apesar do publico os receber bem, mas que o seu proprio auctor os matava por falta de boa administração. A vida de Figueiredo Guimarães foi uma verdadeira lucta, em que tinha por inimigo principal a si proprio, o peor de todos os inimigos, porque os defeitos de organização ou educação teem sempre mais poder que o individuo. Descance em paz.

O CLINOMETRO. Uma recente invenção ingleza veio substituir o antigo pendulo empregado nos navios para medir as oscillações. O novo instrumento, a que o seu auctor deu o nome de *Clinometro*, compõe-se de um tubo de vidro em forma de arco, cheio de agua e com uma borbulha de ar, applicado sobre um arco de metal graduado, e cujo zero coincide com a borbulha de ar quando o navio está na sua posição normal. A borbulha de ar, subindo ou descendo em volta do arco, conforme o navio se inclina para bombordo ou para estibordo, registra sobre o arco graduado o grau das oscillações.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL NO PALACIO DE CRYSTAL DO PORTO. Deve ser aberta no dia 10 de junho do corrente anno uma exposição de industria no Palacio de Crystal do Porto, a qual será encerrada no dia 21 de agosto. Admittem-se a esta exposição todos os productos da industria nacional, havendo tambem uma secção especial para as bellas-artes. Os expositores não teem nada a pagar pelo espaço que occuparem com os seus productos, e a direcção fornece gratuitamente mostradores para os productos serem expostos. Os objectos destinados á exposição devem ser entregues até 31 de maio e acompanhados das respectivas guias, que podem ser requisitadas á direcção, assim como o programma da exposição.

A LITTERATURA EM FRANÇA, EM 1886. Relanceando a vista pelo que a litteratura produziu em França no anno que findou, encontramos que o theatro foi o mais escasso em produções de valor. Apenas Victorien Sardou poz em scena o *Crocodilo*, com pouco exito, e Meillac as *Demoiselles Clochard e Gotte*, que tambem não tiveram grande exito, sendo ainda mais infelizes varias produções de outros auctores. Na historia não sahio á luz uma palavra, e a poesia produziu o notavel poema de Richepin, *La mer*. No romance apresentaram-se *Un crime d'amour* e o *Pêcheur d'Islande*, que despertaram a attenção publica, assim como *La abbadessa de Jouarre*, de Renan. Zola publicou *L'Evre*; Jorge Ohnet, *Les Dames de Croix-Morte*; Guy de Maupassant, *La petite Roque*; Octavio Feuillet, *La morte*; Ludovico Halévy, *Princesse*; Mario Uchard, *Jaconde Berthier*; Catulle Mendés, *Zothar*; Richepin, *Braves Gens*; e Octavio Mirabeau, *Calvaire*.



O GENERAL FRANCISCO PITTIÉ



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos.

O ultimo beijo, por Henrique Peres Eschich, traducção livre; Joaquim Antunes Leitão, Porto. Volume 3.º d'este bello romance, que pertence á collecção da *Bibliotheca do Cura d'Aldeia*, e ao qual já nos referimos quando recebemos o 1.º e 2.º volumes.

Almanach republicano para 1887, por J. Carrilho Videira; *Nora livraria internacional*, editora, Lisboa. Este almanach, que se publica ha treze annos, tem os seus credits tão bem firmados e é tão conhecido do publico, que achamos desnecessario qualquer recommendação.

Primeiro catalogo da Sapataria e chapelaria João Damasceno de Moraes Simões. É um folhetto de 32 paginas, profusamente illustrado com modelos de calçado e de chapeos proprios da estação de inverno. Este pequeno livro, que a muitos passará desapercibido, é entretanto de alguma importancia industrial, porque marca um progresso e dá um exemplo digno de ser imitado por outros estabelecimentos industriaes importantes. No estrangeiro são vulgares estes catalogos illustrados industriaes; entre nós, porem, é novidade que seria muito para desejar se vulgarisasse, como meio de tornar mais conhecida a industria portugueza.

A Moda, publicação trimensal illustrada com figurinos em phototypia, e offerecida aos consumidores-revendedores da Real e Imperial Chapelaria a Vapor de Costa Braga & Filhos, Porto. Conta já cinco annos esta publicação, feita pelos srs. Costa Braga & Filhos, proprietarios de uma das primeiras fabricas de chapeos, premiada em varias exposições nacionaes e estrangeiras. O exemplar que temos presente traz figurinos de chapeos para inverno, cujos modelos são variados e elegantes.

A alliança Helleno-Latina, discurso pronunciado por Emilio Castellar no dia 4 de novembro em Paris. Barros & Filha editores, Porto, 1886. D'esta edição fez-se apenas a tiragem necessaria para distribuir pelos jornaes e salvar a despeza, tirando-se 25 exemplares numerados para as camoneanas. O discurso de Castellar pronunciado

em Paris, na presença de uma assembléa escolhida, foi entusiasmaticamente victoriado como acontece sempre ao grande orador. A idéa do discurso é das mais sympathicas na theoria, e Castellar espendeu-a superiormente. No prefacio do opusculo, dis-se: Não é uma peça de propaganda politica, servindo as ideias de um partido, a excepcional oração de Castellar, como não foi o sentimento egoista de castelhano, que tivesse por movel a utilidade particular e exclusiva do seu paiz, que inspirou o grande tribuno hespanhol. Manifestaram-se mais largos horizontes, mais nobres e generosas as suas aspirações. A idéa luminosa, viavel, pacifica, da alliança helleno-latina, idéa tão grata a hespanhoes, gregos, italianos, francezes e portuguezes, que sintam ainda nas veias o sangue fervente legado pelas duas grandes familias dominadoras uma pelas artes e philosophia, outra pelas armas e litteratura, foi que constituiu o thema sympathico do magestoso discurso. E effectivamente assim é, mas esta idéa tão sympathica e tão logica, não pôde até hoje tornar-se em realidade e por uma contradição bem frisante, os povos tem procurado allianças estranhas á sua raça. Castellar referindo-se a Camões exalta o immortal autor dos *Lusiadas*, o príncipe dos poetas do seculo XVI que ainda hoje impera com toda a gloria, que outro genio não offuscou, pelo que é duplamente interessante para nós por taguezes o notavel discurso que vimos de nos referir.

Diccionario Universal Portu-guez Illustrado, redigido pelos principaes escriptores, e editado e dirigido por Henrique Zeferino de Albuquerque, etc. Lisboa. Fasciculo 89, de 48 paginas. Este fasciculo trata da palavra *banco*, que já vem do fasciculo precedente e que ainda continua, pelo que se pode fazer idéa do que a respeito d'esta palavra diz, fazendo a historia, para assim dizermos, do estabelecimento de bancos desde a sua origem. Isto poderá ser longo para um diccionario, mas é muito curioso e até importante.

Almanach Illustrado das Horas Romanticas para 1887, David Corazzi, editor, Lisboa. É o 14.º anno de publicação d'este almanach, illustrado por Manuel de Macedo, e com grande variedade de artigos e poesias por escriptores e poetas distinctos.

Fogos Fatuos, por Joaquim de Lemos, Porto. Imprensa Moderna, 1886. Um elegante livrinho de versos não menos elegantes, e que são os primeiros vãos da imaginação de um poeta apaixonado pela sua musa inspiradora, onde o amor impera com todas as illusões dos primeiros annos, o que o auctor não occulta quando diz:

Versos escriptos n'uma fresca idade,
Versos do meu soffrir, versos risonhos
Versos d'amor e versos de saudade,
Versos realistas, versos de meus sonhos;

tristezas, festus, prantos, illusões
que dentro em mim por vezes acolhi,
da mocidade invalidas canções,
retalhos da minha alma, ei-os aqui

Este primeiro livro de versos é uma estreia feliz que deve animar o seu auctor a proseguir ainda mesmo que tenha perdido as primeiras illusões.

Para 1887

Almanach illustrado do Occidente

6.º anno de publicação

O annuario mais completo e primorosamente illustrado que se publica em Portugal.

A venda na Empreza do Occidente, Largo do Poço Novo, entrada pela Travessa do Convento de Jesus, 4, Lisboa.

Preço 200 réis, pelo correio 220 reis.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.